

Arquivos de literatura digital do Sul Global: uma análise de suas terminologias e definições

Digital Literature Archives from the Global South: An Analysis of their Terminologies and Definitions

Vinícius Carvalho Pereira*

RESUMO: Enquanto campo de pesquisa recente e transdisciplinar, a Literatura Digital constitui um complexo polissistema, no qual merecem destaque os arquivos que coligem obras de materialidade computacional, condicionando seus fluxos de circulação, institucionalização e interpretação. Nesse contexto, o presente estudo objetiva examinar como a terminologia e as definições adotadas nesses arquivos acabam por circunscrever os limites do polissistema. Quanto à metodologia, partimos de um *corpus* formado por 38 arquivos e empreendemos análises comparativas de alguns metadados, utilizando referenciais teóricos dos Estudos Literários, dos Estudos de Mídia e da Arquivologia. Como resultados, apontamos pontos de convergência e divergência nas terminologias e definições, indicando ainda como elas revelam interconexões entre instituições e agentes desse polissistema na periferia do tecnocapitalismo global.

PALAVRAS-CHAVE: literatura digital; arquivos; terminologia; definições.

ABSTRACT: As a recent and transdisciplinary field of research, Digital Literature constitutes a complex polysystem in which archives that collect works shaped by computational materiality play a central role, influencing their circulation, institutionalization, and interpretation. In this context, the present study aims to examine how the terminology and definitions adopted in these archives ultimately delineate the boundaries of the polysystem. Methodologically, we draw on a *corpus* of 38 archives and conduct comparative analyses of selected metadata, using theoretical frameworks from Literary Studies, Media Studies, and Archival Studies. Our results identify points of convergence and divergence in the terminologies and definitions, and show how these reveal interconnections among institutions and agents within this polysystem located at the periphery of global technocapitalism.

KEYWORDS: digital literature; archives; terminology; definitions.

1 Introdução

Na condição de campo de pesquisa relativamente novo e altamente transdisciplinar, a Literatura Digital se configura como um dinâmico polissistema (Even-Zohar, 2017), isto é, um sistema de sistemas, cujo mapeamento tem desafiado acadêmicos dos Estudos Literários, de Mídia, da

* Professor na Universidade Federal de Mato Grosso, doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: vinicius.pereira@ufmt.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1844-8084>.

Ciência da Computação, do Design, sem contar as várias zonas liminares entre essas frentes de trabalho. No Sul Global, onde os recursos para pesquisa são em geral mais escassos, e onde esse polissistema se desenvolveu mais recentemente, as dificuldades são ainda maiores, haja vista os obstáculos para a produção de um saber na periferia do tecnocapitalismo global mobilizando referenciais teóricos amiúde formulados para a realidade dos países do Norte Global, de industrialização e digitalização mais consolidadas e pervasivas.

Uma das possibilidades metodológicas para enfrentar esse repto – e talvez a mais comumente adotada hoje, como evidenciam publicações dedicadas ao tema – é o exercício de leitura cerrada de obras de literatura digital. Aliando procedimentos típicos da análise literária imanente às especificidades da literatura digital, essa é uma via de acesso aos significados de obras específicas, o que pode nos dar pistas, por uma lógica indutiva, sobre a literatura digital das regiões onde foram produzidas, a exemplo da América Latina, da África, do Oriente Médio, do Sul e Sudeste Asiático¹ etc.

Contudo, tal abordagem perde de vista a noção de conjunto formada por um número maior de obras, as quais podem ser tomadas como *corpus*, em uma análise mais distante, para verificar as relações genealógicas, de contraposição, diálogo temático, continuidade formal, reinterpretação etc. que podem contrair entre si em contextos sociotécnicos razoavelmente similares. Por esse motivo, uma mirada sistêmica para o campo, interrogando as relações entre suas obras e certos elementos que condicionam seus fluxos de *circulação*, *institucionalização* e *interpretação*, parece-nos mais adequada para a descrição de alguns fatores do polissistema da literatura digital, cuja discussão no Sul Global se faz hoje tão necessária em termos críticos e criativos (Kozak, 2023).

A tal mirada sistêmica dedica-se o presente artigo, cujo enfoque recai sobre dispositivos que balizam no Sul Global os fluxos de circulação, institucionalização e interpretação supracitados: os arquivos de literatura digital da região. Para

¹ A despeito das óbvias distinções geográficas, políticas, culturais e econômicas entre os países que compõem o Sul Global, interessa-nos aqui pensá-los em termos de similaridades quanto à adoção de tecnologias digitais. Afinal, ainda que em diferentes graus, trata-se de sociedades marcadas por infraestruturas desiguais, pela dependência tecnológica do Norte Global, por apropriações criativas e dispositivos informais (que no Brasil chamamos de “gambiarras”), pelo imperialismo de dados imposto por *big techs* estrangeiras, por tardias políticas públicas para a tecnologia digital, por assimetrias de acesso etc. (Ragnedda; Gladkova, 2020).

tanto, inicialmente apresentaremos o conceito de arquivos de literatura digital com que operamos e esclareceremos como tais arquivos condicionam diferentes fluxos no polissistema de literatura digital, a fim de justificar sua relevância para a descrição do campo. Na sequência, apresentaremos um *corpus* formado por 38 arquivos de literatura digital do Sul Global e analisaremos como a terminologia e as definições com que eles operam acabam por circunscrever os limites desse polissistema na periferia do tecnocapitalismo global. Por fim, exporemos as principais conclusões do trabalho, indicando ainda perspectivas de desenvolvimento futuro para a presente pesquisa.

2 Arquivos de literatura digital do Sul Global: muitas formas, muitas funções

Arquivos de literatura digital devem ser entendidos como “dispositivos computacionais que reúnem dados e metadados de obras de *literatura digital*, adotando procedimentos com diferentes graus de sistematização para sua catalogação e documentação” (Pereira, 2025, p. 119). Atravessados pela digitalidade como mídia constituinte, tais arquivos existem hoje majoritariamente como *espaços arquivantes* formados por bancos de dados acessíveis por usuários via internet em páginas *web*, redes sociais ou aplicativos, muito embora projetos em mídia física, como disquetes e CDs, tenham também sido desenvolvidos no século XX e nos primeiros anos do século XXI. Por sua vez, os *materiais arquivados* nesses dispositivos não são, na maioria dos casos, as obras de literatura digital em si, e sim apenas metadados descritivos sobre elas e links que remetem a sites externos onde as obras estão de fato hospedadas, como páginas pessoais de autores, catálogos de instituições etc. Por essa razão, não obstante o uso banalizado do termo “repositório” para arquivos digitais, o que se tem mais propriamente no polissistema da literatura digital do Sul Global são *referatórios*, posto que a maior parte desses arquivos em realidade não detém custódia sobre as obras em questão (Hart, 2004).

Ainda no que concerne ao rigor terminológico, cumpre explicitar o que tratamos como *literatura digital*; isto é, o material de que se ocupam os arquivos estudados neste artigo. Em consonância com a perspectiva situada no Sul Global

pela qual advogamos, e em detrimento de definições mais assentes nas comunidades de especialistas norte-americanos e europeus, adotamos a circunscrição do campo proposta pela pesquisadora chilena Carolina Gainza. Para ela, a literatura digital compreende

[...] escrituras que não apenas utilizam um aparato eletrônico como meio, senão que, e mais importante em sua definição, se baseiam em diversas formas de manipulação de códigos informáticos, seja de forma direta ou indireta. Nesse sentido, a denominação “digital” permite delimitar uma literatura própria dessa época, que refere práticas relacionadas com a experimentação com a linguagem de códigos ou com meios digitais, como as redes sociais. (Gainza, 2020, p. 334-335, tradução minha.)²

Incluem-se nessa definição, pois, obras de gêneros como a ficção hipertextual, a poesia generativa, a poesia hipermídia, a poesia e as narrativas em redes sociais, as fanfics, os quadrinhos digitais etc. Pela midialidade fundamentalmente computacional daquilo que reúnem, tais arquivos mantêm diferenças claras dos arquivos literários mais tradicionais, que “costumam ser muito mais heteróclitos que os de literatura digital, pois coligem, além de obras literárias, seus rascunhos, objetos pessoais de escritores, mobília de seus escritórios, correspondências, diários e outros itens de miscelânea” (Pereira, 2025, p. 120). Por outro lado, os arquivos de literatura digital desempenham no polissistema da literatura, não obstante em recorte mais específico, as mesmas funções que Aleida Assman (2011) descreve para todo e qualquer arquivo: a *seleção* do que arquivar, a *conservação* do material arquivado e o *acesso* pelos usuários do arquivo.

Em comparação com os arquivos tradicionais, a materialidade dos arquivos de literatura digital facilita, via internet, a *função de acesso* a dados e metadados das obras, bem como sua manipulação em operações de pesquisa e compartilhamentos com outros usuários. Contudo, essa mesma materialidade condena o acervo de tais arquivos a uma ameaça à *função de conservação* que

² “[...] escrituras que no solo utilizan un aparato electrónico como medio, sino que, y más importante en su definición, se basan en diversas formas de manipulación de códigos informáticos, ya sea de forma directa o indirecta. En este sentido, la denominación ‘digital’ permite delimitar una literatura propia de esta época, que refiere a prácticas relacionadas con la experimentación con el lenguaje de códigos o con medios digitales, como las redes sociales”.

ronda constantemente qualquer produto cultural digital: a obsolescência técnica quando um hardware ou software deixa de ser produzido, atualizado ou simplesmente para de funcionar. Por sua vez, a *função de seleção* do material a ser arquivado envolve, de modo precípua, um conjunto de decisões mais ou menos conscientes a serem tomadas pelos curadores ou arquivistas para cada obra, considerando não só aspectos literários ou históricos, mas também operacionais e interativos. Atravessando e condicionando todas essas funções está a circunscrição do escopo do arquivo, que é indissociável da definição de literatura digital (ou outras variantes terminológicas) adotada no projeto arquivístico, como veremos na próxima seção deste artigo.

Antes disso, importa esclarecer que, considerando critérios como finalidade, acesso, público-alvo e recursos de navegação, os arquivos de literatura digital do Sul Global podem receber diferentes classificações. Segundo a taxonomia que propus em trabalho anterior (Pereira, 2025), tais arquivos se organizam como: 1. antologias (inventários fechados de obras selecionadas conforme critérios explícitos, incluindo juízos de valor); 2. mapeamentos (levantamentos abertos à inclusão de novas obras a qualquer momento, supostamente sem juízos de valor); 3. listagens (protoarquivos com compilações de metadados mínimos para identificação de obras de terceiros, como título, autoria e URL, sem mecanismos de pesquisa); 3.1. portfólios (subtipo das listagens, nas quais o material arquivado são obras de autoria do próprio compilador da lista, como em sites de artistas, coletivos e editoras); 4. revistas (publicações de obras em edições mais ou menos periódicas, voltadas para a circulação entre leitores); ou 5. plataformas de *streaming* de livros (sistemas com caráter mais performativo e distributivo do que arquivístico; em geral, oferecem algumas funcionalidades apenas mediante login e senha e podem incluir desde *ebooks* tradicionais³ a livros infantis com animações multimídia). O detalhamento de cada uma dessas categorias foge ao escopo deste trabalho, mas pode ser visto na íntegra em minha publicação prévia sobre o tema (Pereira, 2025). De todo modo, a breve menção à taxonomia aqui já indica a existência de

³ Não considerados como literatura digital pela maioria dos pesquisadores da área.

padrões nas diferentes materializações formais que os arquivos de literatura digital podem assumir.

Independentemente da classificação, observa-se que todos os arquivos de literatura digital condicionam os fluxos de *circulação*, *institucionalização* e *interpretação* das obras arquivadas, desempenhando, portanto, um papel capital no seu polissistema. Nos termos de Itamar Even-Zohar (2017), o que aqui chamamos de fluxos de *circulação*, *institucionalização* e *interpretação* pode ser associado a três fatores literários de sua teoria dos polissistemas: o mercado, a instituição e o repertório,⁴ respectivamente.

Even-Zohar (2017, p. 41, tradução minha) descreve o mercado de um polissistema como

o conjunto dos fatores envolvidos na compra e venda de produtos literários e na promoção de tipos de consumo. Isso inclui não apenas instituições abertamente dedicadas ao intercâmbio de mercadorias, como livrarias, clubes do livro ou bibliotecas, mas também todos os fatores que participam do intercâmbio semiótico (“simbólico”) em que essas instituições estão implicadas.⁵

Incluindo tanto atividades pecuniárias, como as relacionadas ao comércio de obras literárias, quanto as atividades não pecuniárias que estabelecem canais de difusão para essas obras (sistemas de trocas, divulgação em redes sociais, compartilhamento de materiais gratuitos etc.), o mercado de um polissistema literário é o que constitui os *fluxos de circulação*, conectando produtores, consumidores e os produtos desse campo.

Os arquivos de literatura digital no Sul Global estão entre os principais fatores do *mercado* em seus polissistemas, visto que é nesses arquivos que os consumidores (leitores, professores, pesquisadores etc.) em geral podem encontrar as obras de seu interesse, ou descobrir fortuitamente novas obras,

⁴ Na teoria dos polissistemas, a esses fatores somam-se outros três: os produtores, os produtos e os consumidores. Os seis fatores literários da teoria de Even-Zohar correspondem, em certa medida, aos seis elementos do célebre esquema de comunicação de Roman Jakobson: produtor/emissor; produto/mensagem; consumidor/receptor; mercado/canal; instituição/contexto; repertório/código. Para mais informações, ver Even-Zohar (2017).

⁵ “el agregado de los factores implicados en la compraventa de productos literarios y en la promoción de tipos de consumo. Esto incluye no sólo instituciones abiertamente dedicadas al intercambio de mercancías, tales como librerías, clubes del libro o bibliotecas, sino también todos los factores que participan en el intercambio semiótico (‘simbólico’) en que éstas están implicadas”.

como fariam numa prateleira de livraria ou de biblioteca no universo da literatura impressa. Cada vez menos sujeitas a *download* e instalação em máquinas locais pelos consumidores, as obras de literatura digital são encontradas, lidas e revisitadas nesses arquivos, sem os quais estariam sujeitas à dispersão em sites de internet ou redes sociais. E, por serem majoritariamente arquivos de acesso livre e gratuito, este é um mercado em que predominam modelos de negócio não pecuniários.⁶

Além disso, tais arquivos têm claro papel de *instituição*, conforme a teoria de Even-Zohar, para quem

[a] “instituição” consiste no conjunto de fatores envolvidos na manutenção da literatura como atividade sociocultural. É a instituição que regula as normas que prevalecem nessa atividade, sancionando umas e rejeitando outras. Com o poder de outras instituições sociais dominantes das quais faz parte, ela recompensa e penaliza produtores e agentes. Enquanto parte da cultura oficial, também determina quem e quais produtos serão lembrados por uma comunidade ao longo de um longo período de tempo. (Even-Zohar, 2017, p. 40, tradução minha.)⁷

No polissistema da literatura impressa, os *fluxos de institucionalização* são regidos pela crítica literária, universidade, escola, premiações, academias, bibliotecas, ou quaisquer outros agentes que tenham o poder simbólico de conceder chancelas de valor a obras que supostamente “merecem” ser canonizadas, analisadas, ensinadas, condecoradas, preservadas etc. Já no polissistema de literatura digital, muitas dessas funções são concentradas pelos arquivos, posto que estes simultaneamente conferem legitimidade às obras arquivadas (em detrimento daquelas que não são selecionadas para integrar esses acervos) e podem apresentar breves comentários críticos de editores ou curadores, conquanto isso não preencha o vácuo deixado pela falta de sistemas mais robustos de crítica e premiação dessas obras, sobretudo no Sul Global.

⁶ Arquivos que preveem alguma forma de monetização de autores ou curadores são uma exceção no campo, envolvendo assinaturas em plataformas de *streaming* de livros ou compra de livros-aplicativos em lojas como a *PlayStore* ou a *Apple Store*.

⁷ “La ‘institución’ consiste en el agregado de factores implicados en el mantenimiento de la literatura como actividad socio-cultural. Es la institución lo que rige las normas que prevalecen en esta actividad, sancionando unas y rechazando otras. Con el poder de otras instituciones sociales dominantes de las que forma parte, remunera y penaliza a los productores y agentes. En tanto que parte de la cultura oficial, determina también quién y qué productos serán recordados por una comunidad durante un largo período de tiempo”.

No contexto da literatura digital, são também os arquivos que cumprem outra função prototípica do que a teoria dos polissistemas chama de instituições: “a tarefa muito básica de preservar um repertório canonizado para transmiti-lo de uma geração a outra” (Even-Zohar, 2017, p. 145, tradução minha).⁸ Além disso, em face da incipiência de programas de ensino de literatura digital e de materiais didáticos especializados nesse segmento, os arquivos acabam sendo apropriados também para ações de letramento literário e formação de leitores de literatura digital, mesmo que não tenham sido pensados para tais fins.

Ainda segundo a teoria dos polissistemas de Even-Zohar, há que destacar que todos os arquivos de literatura digital estão diretamente conectados com o fator *repertório*, condicionando *fluxos de interpretação* das obras arquivadas. Para o pesquisador israelense,

“Repertório” designa o conjunto de regras e materiais que regem tanto a elaboração quanto o uso de qualquer produto. [...] Se os “textos” são considerados a manifestação mais evidente da literatura, o repertório literário é o conjunto de regras e unidades com as quais se produzem e se compreendem textos específicos. (Even-Zohar, 2017, p. 42, tradução minha.)⁹

Comparável ao elemento *código*, na teoria de Jakobson, o repertório se forma do conjunto de regras de seleção e combinação que garantem a legibilidade e a interpretabilidade dos produtos em um polissistema. Tanto na literatura impressa quanto na digital, o repertório envolve protocolos de leitura definidos pelas características de cada materialidade inscricional (o códice, o arquivo em PDF, o blog etc.); convenções de gênero (o romance, o soneto, o instapoema, a ficção hipertextual etc.); lugares comuns temáticos; e sentidos advindos das séries literárias.

Ao congregar obras de contextos heterogêneos (de distintos tempos, espaços, gêneros, autorias, tempos), um arquivo de literatura digital manifesta a heterotopia que Michel Foucault (2009) descreveu como constitutiva de qualquer

⁸ “la muy básica tarea de preservar un repertorio canonizado para transmitirlo de una generación a otra”.

⁹ “‘Repertorio’ designa el agregado de reglas y materiales que rigen tanto la confección como el uso de cualquier producto. [...] Si los ‘textos’ se consideran la más evidente manifestación de la literatura, el repertorio literario es el agregado de reglas y unidades con las que se producen y entienden textos específicos”.

arquivo. No caso de polissistemas tão novos, ainda em processo de constituição, esses conjuntos heterotópicos formam não só repertórios *in praesentia*, já que um visitante do arquivo lerá uma obra arquivada sempre em relação com as demais que ali se encontram hipertextualmente conectadas, mas também como repertórios *in absentia*, reverberando na memória dos usuários mesmo depois de encerrada a consulta ao arquivo.

No caso da literatura digital do Sul Global, um repertório limitado pelos exíguos arquivos que há acaba, pois, por ter ainda mais força em termos de circunscrição do polissistema, como veremos na próxima seção ao analisar a terminologia e as definições de escopo adotadas por alguns desses arquivos.

3 Terminologia e definições de arquivos do Sul Global

Para a realização deste trabalho, procedeu-se inicialmente a um levantamento exploratório de arquivos de literatura digital do Sul Global, expandindo o *corpus* mapeado em estudo anterior (Pereira, 2025). O levantamento foi feito em bases de dados e publicações da área, sem restrição temporal. Devido ao volume grande de resultados encontrados, optou-se por circunscrever o *corpus* a arquivos que atendam simultaneamente a todos os seguintes critérios de inclusão:

1. Que tenham sido desenvolvidos por comunidades de países do Sul Global; 2. Que estejam disponíveis online, seja em versão final, seja em versão preliminar; 3. Que tenham sua interface em português, inglês, espanhol ou francês [...]; 4. Que definam explicitamente o escopo de seu material arquivado (ou de parte dele) como *literatura digital* ou *eletrônica*, e não como *arte digital*, *web arte* etc. (Pereira, 2025, p. 124.)

Em paralelo ao levantamento de arquivos, seus principais metadados¹⁰ foram tabulados para fins de análise comparativa. A cada novo arquivo encontrado, a planilha é atualizada. Em novembro de 2025, quando este artigo

¹⁰ Até o momento, foram sistematizados os metadados título, organizadores, escopo e tipo do arquivo, conforme publicado em Pereira (2025); e os metadados ano, terminologia e definição de literatura digital/eletrônica, conforme analisado no presente artigo. Outros metadados, como língua da interface, língua das obras arquivadas, formalização material do arquivo etc. serão tabulados e analisados em estudos futuros.

foi escrito, o *corpus* era composto de 38 arquivos, indicados no Quadro 1. Para as análises que se pretende neste estudo, foram incluídos no quadro alguns dos metadados referentes a cada arquivo: seu título, sua classificação¹¹ conforme taxonomia proposta por mim (Pereira, 2025), o ano de lançamento e a terminologia adotada para se referir ao material arquivado (literatura eletrônica, literatura digital etc.). Como as definições de literatura eletrônica/digital etc. indicadas em cada arquivo são demasiado longas, não foram incluídas no Quadro 1 por questões de legibilidade. Estas serão, portanto, mencionadas no corpo do artigo quando sua análise se fizer pertinente para os fins deste estudo. As terminologias e definições consideradas neste trabalho foram retiradas de paratextos disponíveis no site de cada arquivo, incluindo título do arquivo, descrição institucional, seção do tipo “Sobre”, notas curatoriais e demais materiais explicativos disponibilizados ao público.

Quadro 1 – Arquivos de literatura digital do Sul Global

Título	Tipo	Ano	Terminologia
Sígnica - um balaio da era pós-verso (apesar do verso)	Portfólio	2000	Pós-verso, Fatura intersemiótica
Brazilian Digital Art and Poetry on the Web	Listagem	2001	Poesia eletrônica, Poesia digital
Museu do Essencial e Além Disso	Antologia	2002	Poesia eletrônica, Livros de artista eletrônicos
Artéria 8	Revista	2003	Poéticas da visualidade
Errática	Revista	2004	Poesia
Eu leio para uma criança	Antologia	2010	Livros digitais
Antología de Cuento Digital Itaú	Antologia	2011	Conto digital
Viva Leer COPEC	Plataforma de <i>streaming</i> de livros	2011	Conto digital, Conto interativo
Sociedad Lunar - Literatura Expandida	Portfólio	2012	Literatura eletrônica, Poesia eletrônica, Ciberpoesia, Literatura hipertextual, Poéticas digitais, Net-poesia
E-Literatura	Portfólio	2015	E-literatura, Literatura digital
StoryWeaver	Plataforma de <i>streaming</i> de livros	2015	Histórias digitais

¹¹ O Quadro 1, no presente artigo, corrige alguns metadados transcritos com equívoco em publicação anterior (Pereira, 2025).

Arabic Electronic Literature	Listagem	2015	Literatura eletrônica
StoryMax	Portfólio	2015	Livros em forma de app
Brokenenglish.lol	Portfólio	2016	Net.literatura
Cultura Digital Chile	Antologia	2017	Literatura digital
TecTeca	Plataforma de <i>streaming</i> de livros	2018	Livros digitais
Antología de Poesía Electrónica	Antologia	2018	Poesia eletrônica
Database Puerto 80	Mapeamento	2019	Literatura expandida, Literatura eletrônica, Projetos transmídia
Antología LitELat – V.1	Antologia	2020	Literatura eletrônica
Textou	Revista	2020	Literatura no Insta
Jangada Virtual	Portfólio	2020	Narrativas digitais, Literatura digital
freeFall future.text	Portfólio	2021	E-literatura
Excavating E-lit	Mapeamento	2021	E-literatura, Literatura eletrônica
Atlas da Literatura Digital Brasileira	Mapeamento	2021	Literatura digital
Cartografía de la Literatura Digital Latinoamericana	Mapeamento	2021	Literatura digital
Multilingual African Electronic Literature Database & African Diasporic Electronic Literature Database	Mapeamento	2021	Literatura eletrônica
Genealogía de la Poesía Electrónica Peruana	Mapeamento	2021	Poesia eletrônica
Acervo LIJ Digital	Portfólio	2022	Literatura digital
Hiperpoesía	Revista	2023	Hiperpoesia, Hiperliteratura, Poéticas digitais, Poéticas meméticas
Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense	Mapeamento	2023	Literatura digital
Indian Electronic Literature Anthology – Volume 1	Antologia	2023	Literatura eletrônica, Literatura digital
LAR Latinx Digital Poetics: An Electronic Literature Folio	Antologia	2023	Literatura eletrônica, Poesia digital, Poéticas digitais
Repertorio de Literatura Digital Colombiana	Mapeamento	2024	Literatura digital
CTRL ALT LIT - Proyectos de Literatura Digital	Portfólio	2024	Literatura eletrônica, Literatura digital
Antología LitELat – V.2	Antologia	2025	Literatura eletrônica
LAR Latinx Digital Poetics: Resistance Through Joy	Antologia	2025	Poéticas digitais, Literatura eletrônica, Poesia digital
Caribbean Technopoetics	Antologia	2025	Tecnopoética

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pode-se destacar inicialmente da análise do Quadro 1 que todos os arquivos de literatura digital no *corpus* foram criados já no século XXI, com destaque para o ano de 2015 e para o período entre 2020 e 2025 como os mais prolíficos. A coluna *Terminologia* mostra que, no começo, havia uma nomenclatura menos sistemática para designar o material arquivado, com diversos arquivos lançando mão de sintagmas que não se repetem em outros projetos. Exemplos de expressões que aparecem uma única vez no *corpus* são “pós-verso” e “fatura intersemiótica”, usadas no arquivo da *Sígnica*; “livros de artista eletrônicos”, empregada na antologia do *Museu do Essencial e Além Disso*; “conto interativo”, na plataforma *Viva Leer COPEC*; ou “net.literatura”, no portfólio editorial do *Brokenenglish.lol*.

A assistemática é tão flagrante que até projetos dos mesmos organizadores empregam nomenclaturas distintas, a exemplo da revista *Artéria 8*, editada pelos mesmos responsáveis da *Sígnica* (Omar Khouri e Fábio FON). Apesar de publicada apenas três anos depois da *Sígnica*, a *Artéria 8* se refere às obras nela arquivadas como “poéticas da visualidade”, e não como “pós-verso” ou “fatura intersemiótica”, como na publicação anterior. Nos dois arquivos, porém, observa-se a preferência por uma nomenclatura que, em detrimento da materialidade computacional das obras, ressalta sua filiação a séries literárias que rompem com as convenções gráficas do verso lírico (poesia visual, poesia pós-verso, poesia intersemiótica etc.), independentemente de o suporte ser impresso ou digital. Trata-se, nesse caso, de escolhas terminológicas que situam o material arquivado na *Artéria 8* e na *Sígnica* diante de um *repertório* (Even-Zohar, 2017) de vanguardas poéticas do século XX, não necessariamente de literatura eletrônica ou digital.

A referência à midialidade comparece, por outro lado, nos paratextos editoriais que apresentam esses dois arquivos, onde as obras em questão são descritas como “faturas intersemióticas que poderão transitar por *outros meios* sem perda de informação estética” (Khouri; Nunes, 2000, s./p., destaque meu), no caso da *Sígnica*; ou, na *Artéria 8*, como

trabalhos artísticos produzidos especialmente *para a rede* [...] trabalhos que partem para a exploração das *especificidades do meio*

digital [...] produzida especialmente para a Internet ou adaptada dentro das capacidades que o meio proporciona [...] adaptados para a sua visualização através da rede, indo muito além da reprodução de imagens. (Khoury; Nunes, 2003, s./p., destaque meu.)

A divergência terminológica apresentada nesses e em outros arquivos dos primeiros anos indicados no Quadro 1 acompanhava uma tendência análoga em textos acadêmicos, que, no fim dos anos 1990 e na primeira década do século XXI, frequentemente usavam de modo indistinto formas como “literatura digital”, “literatura eletrônica”, “ciberliteratura”, “infoliteratura” etc. Mais tarde, com o progressivo amadurecimento do campo, diferentes comunidades de pesquisadores e autores foram construindo vocabulários comuns e empregando de forma mais sistemática um termo em detrimento dos demais. Esse processo de fundação de uma metalinguagem partilhada em cada comunidade é essencial pois, “[s]em um repertório comum compartilhado, total ou parcialmente, nenhum grupo de pessoas poderia se comunicar ou organizar suas vidas de maneira aceitável e significativa para os demais membros do grupo” (Even-Zohar, 2017, p. 218, tradução minha).¹²

Ainda em termos dos distintos itens lexicais adotados em diferentes comunidades dedicadas ao tema, ressalta-se que,

[n]o contexto norte-americano, utiliza-se o termo “literatura eletrônica”, que se consolidou a partir da fundação da Electronic Literature Organization (ELO), em 1999. [...] No Brasil, o termo *literatura eletrônica*, popularizado graças à tradução do livro de Katherine Hayles, *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*, em 2009, convive com o termo *literatura digital*, mais frequente em estudos latino-americanos a respeito do assunto. Apesar de os adjetivos *eletrônico* e *digital* não serem sinônimos do ponto de vista técnico (posto que um dispositivo eletrônico pode ser digital ou analógico, a depender do formato de seus dados e dos processos de transmissão), ambos os termos, quando designativos de literatura, são usados hoje para caracterizar uma produção literária que pressupõe a experimentação com a linguagem de programação e/ou com os meios digitais, resultando em textos frequentemente não lineares, transmídias ou multimídias. (Catrópa; Pereira; Rocha, 2025, s./p.)

“Literatura digital” e “literatura eletrônica” são também as nomenclaturas mais comuns no *corpus* deste trabalho, aparecendo em paratextos de 11 e de 10

¹² “[s]in un repertorio común compartido, sea total o parcialmente, ningún grupo de personas podría comunicarse ni organizar sus vidas de modo aceptable y con sentido para los otros miembros del grupo”.

arquivos, respectivamente. Tal como nas publicações acadêmicas, parece que o uso dessas expressões veio se sedimentando progressivamente, como se observa em sua prevalência nos arquivos mais recentes do Quadro 1. Esse padrão se mostra ainda mais recorrente se considerarmos a forma “e-literatura” enquanto uma variante de “literatura eletrônica”, frequentemente usada por pesquisadores e artistas do campo.

A centralidade da norte-americana *Electronic Literature Organization* (ELO) no polissistema de literatura digital, como a mais antiga e prestigiosa sociedade acadêmico-artística do mundo dedicada ao tema, possivelmente também influencia as escolhas terminológicas de muitos dos arquivos do Sul Global, percolando sua força como *instituição* (Even-Zohar, 2017) do centro para a periferia do polissistema. A expressão “literatura eletrônica”, adotada pela ELO desde sua fundação em 1999, também aparece, por exemplo, no título dos dois volumes (2020 e 2025) da *Antología LitELat* e no nome da própria *Red de Literatura Electrónica Latinoamericana* (LitELat), responsável pelas referidas antologias.

A rede LitELat foi criada em 2015 por pesquisadores e artistas latino-americanos cujas parcerias vinham se firmando em conferências, projetos e publicações associados à *Electronic Literature Organization*, onde não encontravam, no entanto, um ambiente dedicado às especificidades sociotécnicas da América Latina, bastante distintas do contexto europeu e norte-americano mais tradicionalmente abarcado pela ELO. Assim, ao criarem sua própria rede e arquivos com escopo latino-americano, os membros da *LitELat* mantiveram da ELO a terminologia “literatura eletrônica”, mas optaram por uma perspectiva situada na periferia do polissistema, prezando por “uma singularidade que não é enfatizada em outras redes que, ao contrário, concentram sua especificidade nas produções do Hemisfério Norte” (*Red de Literatura Electrónica Latinoamericana*, 2015, p. 2, tradução minha).¹³

Em outros arquivos do *corpus*, a influência da nomenclatura adotada pela ELO também é clara, especialmente se considerarmos as redes de sociabilidade formadas por alguns organizadores de arquivos do Sul Global e pelos

¹³ “una singularidad que no se ve acentuada en otras redes que focalizan, en cambio, su especificidad en producciones del hemisferio norte”.

pesquisadores da organização norte-americana – isto é, pelas conexões entre distintas *instituições* do polissistema. Por exemplo, o criador do *Multilingual African Electronic Literature Database & African Diasporic Electronic Literature Database*, Yohanna Waliya, foi um ELO *fellow*¹⁴ entre 2020 e 2021, período em que desenvolveu o arquivo de literatura eletrônica africana e da diáspora africana sob mentoria de membros da *Electronic Literature Organization*. A relação de proximidade com a ELO é marcada já na primeira frase do paratexto curatorial da seção *About*, que apresenta o arquivo em questão:

African Electronic Literature Alliance & African Diaspora Electronic Literature (AELA & ADELI) foi concebida em 17 de julho de 2020, durante a Conferência ELO2020 realizada virtualmente pela University of Central Florida (EUA). Os projetos dessas duas organizações buscam reunir todas as obras africanas de literatura eletrônica [...]. (Multilingual African Electronic Literature Database & African Diasporic Electronic Literature Database, 2021, s./p., tradução minha, destaque meu.)¹⁵

Uma relação semelhante com a ELO, com as mesmas consequências em termos de nomenclatura, pode ser observada também no caso da *Arabic Electronic Literature* (AEL), projeto criado em 2015 pela pesquisadora e criadora de e-lit egípcia Reham Hosny, atual membro do Conselho Diretor (Board of Directors) da ELO. No site da AEL, a definição de literatura eletrônica é apresentada na aba “*What’s e-lit?*” com referência explícita à organização norte-americana, reproduzindo *ipsis litteris* a célebre formulação de Katherine Hayles (2009), partícipe pioneira da ELO: “Conforme definido pela ELO, a literatura eletrônica, ou *e-lit*, refere-se a obras com aspectos literários importantes que aproveitam as capacidades e os contextos fornecidos pelo computador, seja ele isolado ou em rede” (Arabic Electronic Literature, 2015, s./p., tradução minha).¹⁶

¹⁴ O programa de *fellowship* (em português, bolsa de pesquisa, de estudos, de residência artística etc.) para jovens pesquisadores foi criado pela ELO em 2019, prevendo uma ajuda de custo para o bolsista no valor de 500 dólares anuais e a isenção de pagamento de anuidade junto à organização. Os bolsistas trabalham em projetos relacionados à literatura eletrônica, sobretudo em bases de dados da ELO, sob supervisão de membros sêniores da organização norte-americana.

¹⁵ “African Electronic Literature Alliance & African Diaspora Electronic Literature (AELA & ADELI) was conceived on the 17th July, 2020 during the virtual ELO2020 Conference hosted by the University of Central Florida (USA). These two organisations’ projects seek to bring all African electronic literary works [...]”.

¹⁶ “As defined by ELO, electronic literature, or e-lit, refers to works with important literary aspects that take advantage of the capabilities and contexts provided by the stand-alone or networked computer”.

É, portanto, com base nessa mesma definição que o site da *Arabic Electronic Literature* organiza uma espécie de protoarquivo (Pereira, 2025) de literatura digital: na aba intitulada *ELMCIP Records*, consta uma lista de 50 nomes de personalidades (autores, críticos e pesquisadores) da literatura eletrônica árabe, sempre acompanhados da indicação de seu país e de uma URL. Tratamos essa lista como protoarquivo, e não como um arquivo propriamente dito, pela exiguidade de metadados arrolados e pelo fato de que nenhum dos links listados leva de fato a uma obra de literatura digital. Em vez disso, cada um deles remete a uma entrada sobre essas mesmas personalidades de literatura eletrônica árabe em outro arquivo: a *ELMCIP Knowledge Base (Electronic Literature As a Model of Creativity and Innovation in Practice)*, projeto criado por membros europeus da ELO.

Cumpramos destacar que todas as entradas na *ELMCIP Knowledge Base* a que levam os links listados no site da AEL são de autoria da própria Reham Hosny. Isso é possível porque a base da *ELMCIP* é um arquivo com um modelo de arquitetura e curadoria aberto, no qual qualquer usuário pode solicitar acesso com poder de criar novas entradas ou editar entradas já existentes. O material arquivado é, pois, bastante diversificado, variando conforme os interesses e propósitos do usuário disposto a contribuir com a expansão do acervo.

Os links listados no site da *Arabic Electronic Literature* compõem um protoarquivo justamente por remeterem o leitor a entradas de um arquivo de terceiros, reforçando a conexão hierarquizada entre periferia (AEL) e centro (ELO) do polissistema. À guisa de canal que medeia a relação entre visitantes ao site da AEL e um segmento específico da *ELMCIP Knowledge Base*, o protoarquivo em questão acaba também por desempenhar funções de transmissão, circulação e acesso que Even-Zohar (2017) associa ao elemento *mercado* de um polissistema.

Relações com a ELO marcam ainda outros arquivos indicados no Quadro 1, a exemplo da *Indian Electronic Literature Anthology – Volume 1*, que tem entre seus organizadores Shanmugapriya T, atualmente membro do Conselho Diretor da ELO e *fellow* da instituição nos interstícios 2021-2022 e 2023-2024. Nesse período, foi organizada a antologia de literatura eletrônica indiana, cuja introdução pontua o papel histórico da *Electronic Literature Organization* na

fundação do campo de estudos, mas destaca criticamente a invisibilidade de obras sul-asiáticas em coletâneas compiladas por essa instituição, o que motivou a criação da antologia por Nirmala Menon, Shanmugapriya T, Justy Joseph e Deborah Sutton:

[P]or diversas razões, há certas lacunas na ELO, sobretudo em termos de representatividade, sem contribuições de países do Sul da Ásia e com apenas três da Ásia nos três volumes publicados da *Electronic Literature Anthology*. Isso resultou ainda em definições que não são suficientes para abarcar as narrativas eletrônicas produzidas em línguas regionais (Joseph; Menon, 2023, p. 1, tradução minha).¹⁷

Afastando-se da já mencionada definição mais tradicional de literatura eletrônica, cunhada por Katherine Hayles e adotada pela ELO em seus vários projetos, os organizadores da antologia indiana indicam, ainda no paratexto introdutório ao volume 1, que o escopo de seu arquivo inclui, como literatura eletrônica, “*versões digitais de textos impressos*; textos nascidos digitais (independentes da/lançados antes da versão impressa); textos que utilizam as múltiplas capacidades da web; jogos literários; e escrita em redes sociais” (Joseph; Menon, 2023, p. 1, tradução e destaques meus).¹⁸ É mister ressaltar neste ponto que, ao acolher “versões digitais de textos impressos” em seu acervo, a antologia indiana explicitamente se opõe ao posicionamento mais assente na ELO, posto que, junto com a definição de literatura eletrônica de Hayles, a organização norte-americana amiúde lança mão de uma retórica contrastiva, pontuando o que *não* caberia no escopo da definição de literatura eletrônica: “literatura impressa que tenha sido digitalizada” (Hayles, 2009, p. 20). Rompendo com essa visão hegemônica e binarista, a antologia indiana adota uma definição situada de literatura eletrônica, sensível às distinções sociotécnicas entre os contextos sul-asiático e europeu.

Em compensação, o termo “literatura eletrônica” (ou a variante “e-lit”) tem bem menor preeminência na América Latina, onde concorre fortemente com a

¹⁷ “for various reasons, there are certain gaps in ELO, predominantly in terms of representation, with no contributions from South Asian countries and only three from Asia in the three published volumes of Electronic Literature Anthology. This has further ensued to definitions that isn’t sufficing the electronic storytelling across regional languages”.

¹⁸ “digital versions of print texts, born digital texts (self-existing or launched before the print version), texts that utilize the multiple capabilities of the web, literary games and social media writings”.

forma “literatura digital”, que parece florescer em instâncias menos atreladas à ELO. No *corpus* desta pesquisa, dentre os arquivos latino-americanos, apenas os dois volumes da *Antología LitELat* usam exclusivamente a forma “literatura eletrônica”. Se tomarmos “poesia eletrônica” como especificação de um gênero no âmbito de uma literatura que se entende, por consequência, também como eletrônica, incluiremos neste conjunto que usa estritamente o adjetivo “eletrônico(a)” também a *Antología de Poesía Electrónica*, organizada pelo Centro de Cultura Digital Mexicano; a *Genealogía de la Poesía Electrónica Peruana* e a antologia brasileira do *Museu do Essencial e Além Disso*.

Por sua vez, a forma “literatura digital” (e suas especificações de gênero, como “conto digital”, “poesia digital” e “narrativas digitais”) aparece em um número bem maior de arquivos no continente, com destaque para os projetos brasileiros,¹⁹ conforme apontado por Catrópa, Pereira e Rocha (2025) em citação previamente pontuada. Na América Latina, usam exclusivamente o adjetivo “digital” para circunscrever o material arquivado como literatura digital, conto digital, poesia digital ou narrativa digital os arquivos *Antología de Cuento Digital Itaú*, a plataforma chilena de *streaming* de livros *Viva Leer COPEC*, o *Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense*, o *Acervo LIJ Digital*, o *Atlas da Literatura Digital Brasileira*, a *Cartografía de la Literatura Digital Latinoamericana*, a antologia *Cultura Digital Chile* e o *Repertorio de Literatura Digital Colombiana*.

Há ainda os projetos latino-americanos que empregam indistintamente como sinônimas as expressões “literatura eletrônica” e “literatura digital” (ou especificações de gênero, como “poesia eletrônica” e “poesia digital”, por exemplo). Esse é o caso da antologia mexicana *E-literatura*; do portfólio *CTRL ALT LIT - Proyectos de Literatura Digital*, contendo obras produzidas em cursos sobre o tema na Universidad Nacional Autónoma de México; das antologias *LAR Latinx Digital Poetics: an Electronic Literature Folio* e *LAR Latinx Digital*

¹⁹ No Brasil, outras importantes instâncias de mercado, instituição e repertório no polissistema, para além dos arquivos, também preferem o termo “literatura digital”. Como exemplos, destacamos o principal periódico acadêmico nacional sobre o tema, a revista *Texto Digital*, mantida pelo grupo NUPILL/UFSC; a categoria do Prêmio Jabuti que, entre 2015 e 2017, premiou obras reconhecidas como “Infantil digital”; o grupo de trabalho Literatura Digital, criado no âmbito da ANPOLL em 2022; as diferentes edições do evento acadêmico *LitDigBr*, voltado à pesquisa sobre literatura digital brasileira; e o *Glossário LitDigBr – Literatura e cultura digitais em verbetes*, que congrega 45 entradas sobre diferentes termos do campo.

Poetics: Resistance Through Joy, ambas contendo obras produzidas por autores latinos nos Estados Unidos; e da listagem *Brazilian Digital Art and Poetry on the Web*.

Outra importante característica distintiva de praticamente todos os arquivos latino-americanos que integram o *corpus* desta pesquisa é a ausência de referências diretas à ELO ou às postulações de Katherine Hayles para definir o que seja literatura eletrônica, literatura digital ou qualquer outro termo equivalente. Cada um desses arquivos emprega distintas estratégias discursivas para situar-se no polissistema sem subordinar-se diretamente à instituição norte-americana que ocupa posição central.

Alguns arquivos latino-americanos optam por não apresentar qualquer definição explícita em seus websites, a exemplo da listagem *Brazilian Digital Art and Poetry on the Web*, do portfólio *Brokenenglish.lol*, da *Genealogía de la Poesía Electrónica Peruana*, ou da revista *Hiperpoesía*. Nesses casos, ou o visitante do arquivo traz em seu repertório uma concepção prévia de literatura eletrônica/digital com base na qual interpreta as obras coligidas, ou acaba por desenvolver indutivamente uma ideia desse conceito, partindo das obras que encontra no acervo.

Por outro lado, alguns projetos arquivísticos do continente lançam mão de definições terminológicas que seguem padrões prescritos pelas Ciências do Léxico. Conforme os pressupostos da Terminologia enquanto área do saber, uma definição terminológica deve fixar

significados de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência [...] [e ser formada por] duas categorias basilares: o *gênero próximo* e a *diferença específica*. *Gênero próximo* é a porção da definição que expressa a categoria ou classe geral a que pertence o ente definido. A *diferença específica* é a indicação da(s) particularidade(s) que distingue(m) o ente definido em relação a outros de uma mesma classe. (Finatto, 2002, p. 74-75.)

Especializado em obras para a infância e juventude, o projeto do *Acervo LIJ Digital* emprega uma definição terminológica, nos moldes acima descritos, para descrever seu material arquivado: “literatura para crianças e jovens [*gênero próximo*] na intersecção com tecnologias e formatos de expressão digitais [*diferença específica*]” (LIJ Digital & Design, 2022, s./p.). Neste caso, a estrutura

da definição terminológica permite ainda uma interessante inferência: o arquivo em questão postula que a literatura infanto-juvenil (LIJ) digital é um nicho específico da literatura infanto-juvenil atravessado pela digitalidade, e não um segmento da literatura digital com público específico de crianças e adultos.

Uma definição terminológica de formato modelar também foi empregada pelos editores da *Antología LitELat – V.1* para designar a literatura eletrônica como “obras de arte textual [*gênero próximo*] que experimentam com dispositivos eletrônicos digitais e, em casos históricos, analógicos [*diferença específica*]” (Flores; Kozak; Mata, 2020, s./p., tradução minha).²⁰ Merece destaque a precisão conceitual com que essa definição subdivide os sistemas eletrônicos em digitais e analógicos (sem tratar eletrônico e digital como sinônimos, um equívoco comum na área). Este é, inclusive, um dos poucos arquivos de literatura eletrônica que, de fato, inclui em sua coleção obras que não sejam digitais, a exemplo de *IBM*, de Omar Gancedo, e *Correcaminos* (primeira versão), de Eduardo Darino, ambas feitas em cartões perfurados²¹ na década de 1960.

Outros arquivos latino-americanos chamam a atenção porque, para definirem o escopo do material arquivado, recorrem a citações de especialistas da própria América Latina, e não de organizações ou pesquisadores do Norte Global. É o caso, por exemplo, do *Atlas da Literatura Digital Brasileira*, que não apresenta no site atual uma definição explícita de literatura digital, mas, pelo link *Memória*, permite acesso a uma página antiga do projeto, na qual se encontrava um glossário que, entre outros termos, definia literatura digital por intermédio de uma citação da pesquisadora chilena Carolina Gainza:

A literatura digital refere-se a um tipo de escritura e de textualidade criada para ser lida na tela. [...] não estamos falando de textos impressos que foram digitalizados para leitura em formato digital, o que geralmente corresponde ao formato e-book. Embora nos e-books possamos observar um processo de tradução para a linguagem digital de zeros e uns, a estrutura do texto e a forma de escritura não se modificam. Pelo contrário, a literatura digital aponta para uma experimentação com a linguagem nesse formato, uma escrita em código

²⁰ “obras de arte textual que experimentan con dispositivos electrónicos digitales y, en casos históricos, analógicos”.

²¹ Tecnologia criada ainda no século XIX para entrada/saída de dados na forma de cartões de papel rígido nos quais os dados eram representados pela presença ou ausência de furos em posições pré-definidas.

que se manifesta como textos escritos, imagens, animações e sons, que, na grande maioria dos casos, são organizados de maneira não linear. (Gainza, 2016, p. 236, tradução minha.)²²

O *Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense* também define literatura digital com base em formulações de Carolina Gainza:

obras e textos literários que se valem de *recursos das mídias digitais* ou *dos códigos de programação* para fins poéticos ou narrativos, ou mesmo para sua difusão em rede – definição de literatura digital que norteia este projeto e foi tomada de empréstimo da pesquisadora Carolina Gainza. (*Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense*, 2023, s./p., destaque meu.)

Embora o website do *Acervo* não explicita a qual texto de Gainza se refere, é possível perceber que a definição apresentada é uma paráfrase deste trecho de outra publicação da pesquisadora chilena: “a denominação ‘digital’ permite delimitar uma literatura própria dessa época, que refere práticas relacionadas com a experimentação com a *linguagem de códigos* ou com *meios digitais*, como as redes sociais” (Gainza, 2020, p. 334-335, tradução e destaques meus).²³

De posse dessas informações, é interessante observar que, no projeto da *Cartografia de la Literatura Digital Latinoamericana*, coordenado pela própria Carolina Gainza, em parceria com Carolina Zúñiga, aparecem formulações como “literatura criada em e para meios digitais [...] [e] obras literárias criadas para os meios digitais, e cuja composição está marcada pela linguagem de códigos” (*Cartografia de la Literatura Digital Latinoamericana*, 2021, s./p., tradução minha).²⁴ Estas muito se aproximam das citações constantes no *Atlas da Literatura Digital Brasileira* e no *Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense*, estabelecendo-se uma espécie de repertório comum, em

²² “La literatura digital refiere a un tipo de escritura y textualidad creada para ser leída en la pantalla. [...] no estamos hablando de textos impresos digitalizados para ser leídos en formato digital, lo cual generalmente obedece al formato e-book. Si bien en los e-books podemos observar un proceso de traducción al lenguaje digital de ceros y unos, la estructura del texto y la forma de escritura no se modifica. Por el contrario, la literatura digital apunta a una experimentación con el lenguaje en este formato, una escritura en código que se despliega en forma de textos escritos, imágenes, animaciones y sonidos, que, en la gran mayoría de los casos, son dispuestos de formas no lineales”.

²³ “la denominación ‘digital’ permite delimitar una literatura propia de esta época, que refiere a prácticas relacionadas con la experimentación con el lenguaje de códigos o con medios digitales, como las redes sociales”.

²⁴ “literatura creada en y para medios digitales [...] [y] obras literarias creadas para los medios digitales, y cuya composición está marcada por el lenguaje de códigos”.

termos de definições baseadas na pesquisa de Carolina Gainza, entre os três arquivos.

Também mobilizando referenciais teóricos latino-americanos para a definição de literatura eletrônica, os editores da *Antología LitELat – V.2* afirmam, no texto da aba “Sobre”, que se referem

[à]quela que “nasceu” em meios eletrônicos e que apela à interação de múltiplas linguagens (verbal, sonora, visual, de programação, cinética etc.) com propósito artístico-literário. Para estabelecer os critérios de seleção, nos baseamos em *seis áreas que permitem explorar o potencial dos meios digitais: linguagem, mídias digitais, interação, computação, redes e cultura*. (Pereira; Frederico; Gómez; Hurtado, 2025, s./p., destaque meu.)

Muito embora esse paratexto não o explicita, as seis áreas em questão foram retiradas de um artigo de Leonardo Flores (2016), conforme detalhado na chamada de obras para publicação no volume 2 da antologia:

Em seu artigo “¿Qué es la literatura electrónica?”, Leonardo Flores identificou seis áreas em que um texto pode explorar o potencial dos meios digitais: linguagem, mídias digitais, interação, computação, redes e cultura. (Red de Literatura Electrónica Latinoamericana, 2023, s./p.)

Neste caso, é interessante que, ao ancorar sua definição de literatura eletrônica em uma publicação de Leonardo Flores, há uma série de relações geopolíticas mobilizadas: em se tratando de um pesquisador nascido em Porto Rico e que hoje reside e trabalha nos Estados Unidos, a remissão ao texto de Flores situa o volume 2 da antologia nas esferas latino-americana (considerando a colonização espanhola em Porto Rico), caribenha (haja vista a posição geográfica da ilha no mar do Caribe) e norte-americana (enquanto território ultramarino dos EUA). Além disso, como atual presidente da Red LitELat e ex-presidente da ELO, Leonardo Flores é um importante ponto de conexão entre ambas as comunidades, o que se projeta também em termos de seu papel de destaque nas duas antologias LitELat: no volume 1, foi coeditor junto com Claudia Kozak e Rodolfo Mata; no volume 2, uma publicação sua é usada para definir “literatura eletrônica”, e três obras de sua autoria são incluídas na antologia.

Seja nas relações mais ou menos explícitas de diferentes arquivos com pessoas ou publicações ligadas à ELO, seja nas citações diretas ou indiretas a

pesquisadores latino-americanos sobre o tema, podemos observar a existência de intrincadas redes que conectam projetos do Sul Global entre si ou a instituições do Norte Global que ocupam o centro desse polissistema. Por intermédio dessas articulações reticulares, vão se compondo *repertórios* comuns entre arquivos de literatura digital que partilham definições, terminologias ou mesmo pressupostos teórico-metodológicos.

4 Considerações finais

Ao longo do presente artigo, analisamos os arquivos de literatura digital do Sul Global, os quais conectam, nos termos de Even-Zohar (2017), produtores (artistas), produtos (obras) e consumidores (leitores) desse campo. Valendo-nos dos principais conceitos da teoria dos polissistemas, mostramos como tais arquivos desempenham as funções dos fatores *mercado*, *instituição* e *repertório*, condicionando aquilo que optamos por chamar de fluxos de *circulação*, *institucionalização* e *interpretação*, respectivamente.

Além disso, discutimos em que medida os arquivos de literatura digital desempenham as mesmas funções que Aleida Assman (2011) identifica em quaisquer arquivos: a *seleção* do que arquivar, a *conservação* do material arquivado e o *acesso* pelos usuários do arquivo. Observamos que as três funções são atravessadas pela digitalidade constitutiva desse polissistema e que a função de seleção é especialmente impactada por duas variáveis fulcrais no projeto dos arquivos de literatura digital: a *terminologia* adotada (literatura digital, literatura eletrônica etc.) e a *definição* que circunscreve o escopo do material arquivo (o que se entende, afinal, por literatura digital, eletrônica etc.).

Para balizar tais discussões, partimos de um *corpus* formado por 38 arquivos de literatura digital do Sul Global e empreendemos análises comparativas dos metadados *terminologia* e *definição de literatura digital/eletrônica*, utilizando referenciais teóricos dos Estudos Literários, dos Estudos de Mídia e da Arquivologia. Apontamos pontos de convergência e divergência nas terminologias e definições, indicando ainda como elas revelam interconexões entre instituições e agentes desse polissistema na periferia do

tecnocapitalismo global, mas por vezes flertando com o centro do polissistema, sobretudo na figura da *Electronic Literature Organization*.

Como perspectivas futuras para esta pesquisa, pretende-se expandir o mapeamento de arquivos de literatura digital do Sul Global, sobretudo em regiões com menor presença no *corpus*, como a África, o Oriente Médio e o Sul e Sudeste Asiático. Ademais, outros elementos constitutivos dos arquivos de literatura digital serão objeto de análise em próximos estudos, com destaque para aspectos de interação humano-computador, tais quais a formalização material dos arquivos (sites, planilhas, apps etc.), o design de interface e navegação, as tecnologias empregadas e as línguas na interface dos arquivos. Com isso, almeja-se não apenas ampliar a visibilidade desses acervos, mas também evidenciar suas especificidades, desafios e potências como dispositivos arquivístico-literários de natureza computacional.

Referências

ACERVO DE LITERATURA DIGITAL MATO-GROSSENSE. *Sobre o Acervo*. 2023. Disponível em: <https://literaturadigitalmt.com/sobre-o-acervo/>. Acesso em: 07 dez. 2025.

ARABIC ELECTRONIC LITERATURE. *What is E-lit?*. 2015. Disponível em: <https://arabichelit.wordpress.com/what-is-e-lit-2/>. Acesso em: 02 dez. 2025.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CARTOGRAFÍA DE LA LITERATURA DIGITAL LATINOAMERICANA. *Sobre el proyecto*. 2021. Disponível em: <https://www.cartografiadigital.cl/about>. Acesso em: 07 dez. 2025.

CATRÓPA, Andréa; PEREIRA, Vinícius Carvalho; ROCHA, Rejane. Literatura digital/eletrônica. In: CATRÓPA, Andréa; PEREIRA, Vinícius Carvalho; ROCHA, Rejane (org.). *Glossário LITDIGBR – Literatura Digital Brasileira*. 2025. Disponível em: <https://glossariolitdigbr.com.br/literatura-digital-eletronica/>. Acesso em: 08 dez. 2025.

EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polisistemas de cultura (un libro electrónico provisorio)*. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, Laboratorio de investigación de la cultura, 2017.

FINATTO, Maria José Bocorny. O papel da definição de termos técnico-científicos. *Revista da ABRALIN*, v. 1, n. 1, jul. 2002, p. 73-97.

FLORES, Leonardo. ¿Qué es la literatura electrónica?. *80grados*, 2016. Disponível em: <https://www.80grados.net/que-es-la-literatura-electronica/>. Acesso em: 07 dez. 2025.

FLORES, Leonardo; KOZAK, Claudia; MATA, Rodolfo (eds). *Antología Lit(e)Lat - Volumen 1*. Red de Literatura Electrónica Latinoamericana, 2020. Disponível em: <http://antologia.litelat.net>. Acesso em: 04 dez. 2025.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GAINZA, Carolina Cortés. Literatura chilena en digital: mapas, estéticas y conceptualizaciones. *Revista chilena de literatura*, Santiago, n. 94, dez. 2016, p. 233-256. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22952016000300012. Acesso em: 04 dez. 2025.

GAINZA, Carolina Cortés. Nuevos escenarios literários: Hacia una cartografía de la literatura digital latino-americana. In: GUERRERO, Gustavo; LOY, Benjamin; MÜLLER, Gesine. *World Editors: Dynamics of Global Publishing and the Latin American Case between the Archive and the Digital Age*. Berlim: De Gruyter, 2020, p. 331-349.

HART, Joseph. Instructional Repositories and Referatories. *Research Bulletin*, v. 2004, n. 5, mar. 2004.

HAYLES, Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. Tradução: Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global, 2009.

JOSEPH, Justy; MENON, Nirmala. Introduction. In: MENON, Nirmala; SHANMUGAPRIYA, T.; JOSEPH, Justy; SUTTON, Deborah (eds.). *Indian Electronic Literature Anthology: Volume I*. India: IITI KSHIP, 2023, p. 1-2. Disponível em: <https://iitikship.iiti.ac.in/reader/books/pdf/10.57004/book1>. Acesso em: 02 dez. 2025.

KHOURI, Omar; NUNES, Fábio Oliveira. *Artéria 8*. São Paulo: Nomuque, 2003.

KHOURI, Omar; NUNES, Fábio Oliveira. *Sígnica*. Pós-Verso Empreendimentos. São Paulo, 2000.

KOZAK, Claudia. Electronic Literature from the Souths: a Political Contribution to Critical and Creative Digital Humanities. *DAT Journal*, São Paulo, v. 8, n. 2, 2023, p. 227-252.

LIJ DIGITAL & DESIGN. *Home*. 2022. Disponível em: <https://lijdigital.com/>. Acesso em: 04 dez. 2025.

MULTILINGUAL AFRICAN ELECTRONIC LITERATURE DATABASE & AFRICAN DIASPORIC ELECTRONIC LITERATURE DATABASE. *About*. 2021. Disponível em: http://www.africanelit.org/?fbclid=IwAR2U7Z-z7KQC5MT6dXoPHfxIJc4GWf15L2_XeQrcgdcBRJKcRj4ZsDKZ134#about. Acesso em 02 dez. 2025.

PEREIRA, Vinícius Carvalho; FREDERICO, Aline; GÓMEZ, Verónica Paula; HURTADO, Michael (eds). *Antología Lit(e)Lat* - Volumen 2. Red de Literatura Electrónica Latinoamericana, 2025. Disponível em: <https://antologia.litelat.net/volumen2/pt/acercade.html>. Acesso em 07 dez. 2025.

PEREIRA, Vinícius Carvalho. Arquivos de literatura digital no Sul global: uma proposta tipológica. *Chuy: Revista de estudios latino-americanos*, Buenos Aires, Universidad Nacional Tres de Febrero, v.18, 2025, p. 116-146.

RAGNEDDA, Massimo; GLADKOVA, Anna. *Digital Inequalities in the Global South*. Cham: Palgrave Macmillan, 2020.

RED DE LITERATURA ELECTRÓNICA LATINOAMERICANA. *Acta primera reunión de la Red de Literatura Electrónica Latinoamericana*. 2015. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1Br6WzmWQK13Xfo7G-y8AiChNRkzJZ_tAqsCX-qjTlOU. Acesso em: 02 dez. 2025.

RED DE LITERATURA ELECTRÓNICA LATINOAMERICANA. *Chamada de trabalhos para a Antologia litElat*. 2023. Disponível em: <https://litelat.net/convocatoria-antologia-litelat-2/>. Acesso em: 02 dez. 2025.

[Artigo recebido em 14 de dezembro de 2025 e aceito em 23 de abril de 2026.]

DOI: 10.22456/2236-6385.152362